



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A CRÔNICA PARA SALA DE AULA: UM GÊNERO TÍPICO DE MATERIALIZAÇÃO DA IRONIA

Paulo Ricardo Soares Pereira
Universidade Federal de Campina Grande
pauloricardo_sp_@hotmail.com

Prof. Dr. Edmilson Luiz Rafael (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande
eluzrafael@gmail.com

Resumo:

O foco deste artigo voltar-se-á para a identificação de como se constrói a ironia na crônica – levando em consideração que, como fenômeno de linguagem, a percepção dessa se faz necessária para uma compreensão do sentido do discurso que estiver em questão. Pretendemos, também, verificar de que modo os significados mudam de sentido no campo do discurso irônico, e, ainda, estimular o trabalho com esse gênero, uma vez que, por meio desse gênero é possível perceber as mudanças de sentido irônico em textos utilizados e a serem produzidos em sala de aula. Para tanto, tomamos como *corpus* para análise a crônica de cunho político-social “O presidente tem razão”, do autor Luís Fernando Veríssimo. Nessa análise, portanto, observaremos a *construção irônica* através dos elementos linguísticos (lexicais e sintáticos) e discursivos integrantes dessa crônica. O presente artigo inclui uma revisão de literatura, basicamente, dos fundamentos teóricos como Lélia Duarte (2006), Marcuschi (2005), Massaud Moisés (1979), Muecke (1995) Orlando Pires (1981), entre outros, utilizados para o desenvolvimento e avanço dos estudos. Em seguida, deverá apresenta-se a análise da crônica e conclui-se com os resultados verificados durante o trabalho. Com efeito, é notório que compreender o contexto no qual a crônica está inserida, é um primeiro passo para identificar como se constrói a ironia neste gênero textual. Além do conhecimento partilhado com o leitor, Veríssimo constrói ironias utilizando também determinadas escolhas lexicais, analogias e jogos de sentido entre o literal e o subentendido, sendo, os mecanismos linguístico-discursivos encontrados mais frequentemente.

Palavras-chave: ironia, crônica, gênero textual.

I INTRODUÇÃO

Diante das discussões em torno do questionamento “Quais gêneros textuais ensinar em sala de aula?”, tendo em vista que via de regra há uma grande “limitação” nesse campo de ensino da Língua Portuguesa, surgiu então, o interesse pelo gênero textual *crônica*, uma vez que, essa apresenta dupla filiação: a brevidade permite o tratamento jornalístico e, também, literário, de modo que inclui, em seu conteúdo e contexto, a concisão e a pressa, características do jornal, e a magia e poeticidade que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

acabam por recriar o cotidiano, características da literatura. Tais peculiaridades fazem da crônica um gênero relevante para as didáticas da sala de aula, por despertar aspectos humanísticos, subjetivos e reflexivos em seus leitores. Dessa maneira, com o presente trabalho, pretendemos mostrar que a crônica pode vir a ser um objeto de amplificação do ensino de gêneros textuais.

O gênero crônica ao tratar de variados temas por meio de uma linguagem mais coloquial e, algumas vezes, permeado de ironia e humor vem como grande aliado do ensino escolar. Em seu sentido etimológico – na historiografia medieval e renascentista – a palavra crônica refere-se ao relato de acontecimentos apresentados em sua ordem temporal - cronológica. Já na acepção moderna, ela representa uma modalidade literária específica, ligada intimamente ao jornalismo, sendo escrita em prosa (PIRES, 1981, p.87).

De acordo com Moisés (1979), este gênero oscila entre *ser* no jornal e *para* o jornal, tendo em vista que se destina, a priori, a ser lida no jornal ou na escrita. Seu objetivo, portanto, reside em “transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício” (MOISÉS, 1979, p. 247).

Moisés (1979) ainda nos mostra que a crônica varia entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia:

Afrânio Coutinho identifica diferentes tipos de crônica (apud. PIRES, 1981, p.88): a crônica narrativa, que tem como idéia básica a estória, aproximando-se do conto; a crônica metafísica, esta contém reflexões filosóficas sobre acontecimentos ou personalidades; a crônica poema-em-prosa, que é ditada pela sensibilidade do autor motivada pela vida ou pelo espetáculo da natureza, impregnada de emoções; e a crônica comentário, tida como uma análise de acontecimentos, de personalidades.

Moisés (1979), aponta, também, alguns tipos de crônica:

A crônica e ensaio, este tipo apresenta uma visão abertamente crítica da realidade cultural e ideológica de sua época; a crônica e poesia, “sem dúvida, a poesia



mora no interior do acontecimento diário ou/e na sensibilidade do cronista” (MOISÉS, 1979, p. 254); e a crônica conto, que prioriza a ênfase posta no “não-eu”, no acontecimento que provocou a atenção do escritor.

Neste sentido, ele, ainda, aponta características específicas deste gênero:

- a) brevidade – no geral, este gênero consiste em um texto curto, por conta das limitações dos veículos em que este é publicado, de modo que esta brevidade reflete, e ao mesmo tempo determina, as outras marcas da crônica;
- b) subjetividade – na crônica, o foco narrativo situa-se invariavelmente na primeira pessoa do singular, uma vez que é a visão do cronista que deve ser levada em consideração.

Pires (1981), por sua vez, aponta mais algumas características deste gênero textual:

- a) o tratamento estilístico tem mais importância do que o assunto escolhido, aliás, geralmente efêmero;
- b) o fato em foco vale apenas pelo que oferece de pretexto às divagações do autor;
- c) a matéria histórica interessa apenas pelo que pode oferecer a uma apreciação sutil de acontecimentos, que, em um primeiro momento, aparenta uma menor valia, mas que analisados de forma mais intensa acabam ganhando mais interesse, sobretudo pela qualidade da crítica que geralmente propiciam a seus personagens.

Compreendida muito mais do que uma figura de linguagem, a ironia – marca presente na crônica – é um dos mais complexos recursos literários. A palavra ironia tem origem do grego *eironeia*, que denota disfarce ou interrogação dissimulada. No decorrer dos anos, a ironia já foi um método de busca da verdade, um recurso teatral e até uma teoria filosófica, apesar da maior parte das pessoas apenas a reconhecer por meio dos livros didáticos e manuais de gramática, como figura de linguagem.

A concepção moderna de ironia – livros e manuais gramaticais - a define como uma figura de pensamento utilizada para dizer, exprimir, intencionalmente o contrário daquilo do que se pensa e do que se quer comunicar. A ironia pode ser percebida por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

meio do tom de voz de quem a profere, por alguma característica gestual ou pelo contexto em que ela se manifesta, revelando geralmente uma intenção depreciativa ou sarcástica. (FARACO & MOURA, 2004).

Dentre os muitos sentidos e as muitas diretrizes encontrados nas mais variadas referências sobre ironia percebe-se o quanto é difícil uma definição precisa sobre a mesma, uma vez que, a ironia é um recurso extremamente fluido e indistinto. Entender a ironia apenas como “dizer uma coisa significando outra” – contradição - limita segundo alguns teóricos, a abrangência da ironia, considerado por estes como um fenômeno mais vasto. A ideia de contradição é insuficiente para descrevê-la. De fato, a ironia desvenda, também, uma visão crítica sobre as pessoas ou fatos. Podemos ver então, a contradição não exclusivamente como uma característica essencial da ironia, mas, sim, como um de seus elementos.

A ironia provoca no leitor a necessidade de distinguir as inúmeras possibilidades de interpretação que o texto venha a proporcionar, exigindo assim, que este se comporte de forma ativa, percebendo que a linguagem não contém significados estáveis e que o texto pode apresentar “ciladas”, das quais deverá, eventualmente, se envolver.

A ironia só é percebida pelo receptor quando esse apreende e alcança a antítese entre o que o emissor diz e a verdade. Desta forma, são necessários o conhecimento do referente, o contexto envolvido, as peculiaridades de entonação e gestuais e a atenção contínua para uma interpretação apropriada do enunciado, que estando “impregnado” de ironia, vem frequentemente por meio desta, para criticar, censurar ou denunciar algo.

Assim, entre suas inúmeras características, a crônica contém, como uma de suas marcas elementares, a presença marcante da ironia como fenômeno constituinte do enunciado do locutor. A ironia é utilizada quando não se pode ou não se consegue – ou pensa que não se pode – ou não se quer dizer explicitamente/seriamente o que se pensa ou o que se quer. Contudo, buscamos responder a seguinte questão: *Como elementos internos e externos do discurso constroem a ironia na crônica?*

Nesse sentido, o foco deste artigo voltar-se-á para a identificação de como se constrói a ironia na crônica – levando em consideração que, como fenômeno de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

linguagem, a percepção dessa se faz necessária para uma compreensão do sentido do discurso que estiver em questão. Pretendemos, também, verificar de que modo os significados mudam de sentido no campo do discurso irônico, e, ainda, estimular o trabalho com esse gênero, uma vez que, por meio desse gênero é possível perceber as mudanças de sentido irônico em textos utilizados em sala de aula.

II METODOLOGIA

Para tanto, tomamos como *corpus* para análise a crônica de cunho político-social “O presidente tem razão”, do autor Luís Fernando Veríssimo - já reconhecido como cronista por produções neste âmbito, que articulam em assuntos de nível social, considerados polêmicos, o humor e a ironia. Nesta análise, portanto, observaremos a construção dos contextos lexical e sintático, integrantes desta crônica.

O presente artigo inclui uma revisão de literatura, basicamente, dos fundamentos teóricos como Lélia Duarte (2006), Marcuschi (2005), Massaud Moisés (1979), Muecke (1995) Orlando Pires (1981), entre outros, utilizados para o desenvolvimento e avanço dos estudos. Em seguida, deverá apresenta-se a análise da crônica e conclui-se com os resultados verificados durante o trabalho.

IV RESULTOS E DISCUSSÃO

Mais uma vez os adversários pinçam, maliciosamente, uma frase do presidente para criticar. No caso, a sua observação de que é chato ser rico. Pois eu entendi a intenção do presidente. Ele estava falando para pobres e preocupado em prepará-los para o fato de que não vão ficar menos pobres e podem até ficar mais, no seu governo, e que isso não é tão ruim assim. E eu concordo com o presidente. Ser pobre é muito mais divertido do que ser rico. Pobre vive amontoado em favelas, quase em estado natural, numa alegre promiscuidade que rico só pode invejar. Muitas vezes o pobre constrói sua própria casa, com papelão e caixotes. Quando é que um rico terá a mesma oportunidade de mexer assim com o barro da vida, exercer sua criatividade e morar num lugar que pode chamar de realmente seu, da sua autoria, pelo menos até ser despejado? Que filho de rico verá um dia sua casa ser arrasada por um trator? Um maravilhoso trator de verdade, não de brinquedo, ali, no seu quintal! Todas as emoções que um filho de rico só tem em videogame o filho de pobre tem ao vivo, olhando pela janela, só precisando cuidar para não levar bala. Mais de um rico obrigado a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

esperar dez minutos para ser atendido por um especialista, aqui ou no exterior, folheando uma National Geographic de 1950, deve ter suspirado e pensado que se fosse pobre aquilo não estaria acontecendo com ele. Ele estaria numa fila de hospital público desde madrugada, conversando animadamente com todos à sua volta, lutando para manter seu lugar, xingando o funcionário que vem avisar que as senhas acabaram e que é preciso voltar amanhã, e ainda podendo assistir a uma visita teatral do Serra ao hospital, o que é sempre divertido, em vez de se chateando daquela maneira. E pior. Com toda as suas privações, rico ainda sabe que vai viver muito mais do que pobre, ainda mais neste modelo, e que seu tédio não terá fim. Éfe Agá tem razão, é um inferno. (O PRESIDENTE TEM RAZÃO, *Aquele Estranho Dia Que Nunca Chega*, 1999).

O governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), que durou o correspondente à dois mandatos (8 anos), foi alvo de muitas críticas, em especial, depois da declaração, no ano de 1998, durante um discurso para cerca de duas mil pessoas, na favela Parque Royal, na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio de Janeiro. Na ocasião, ele afirmou: "Não vamos prometer o que não dá para fazer. Não é para transformar todo mundo em rico. Nem sei se vale a pena, porque a vida de rico, em geral, é muito chata" (apud. Jornal do Comércio, 1998). Acerca desta afirmação, portanto, Luís Fernando Veríssimo escreveu a crônica anteriormente apresentada.

Em *O presidente tem razão* nota-se sem mesmo ser feita uma análise profunda, que a carga irônica é muito vasta e que a crítica é constante, refere-se à crônica-ensaio, proposta por Moisés (1979), já apresentada anteriormente. O domínio discursivo da crônica é de cunho político-social, e, inserida neste domínio, Veríssimo faz uma crítica ao governo FHC, em específico, a um discurso do mesmo a uma comunidade carente.

Vemos que o estilo da crônica *O Presidente tem razão* pode ser caracterizado pela linguagem simples, coloquial e bem-humorada de Veríssimo, o que, com certeza, contribui para uma relação mais próxima com o leitor.

A composição discursivo-textual da carga irônica e da crítica acontece de diversas maneiras, como veremos:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A carga crítico-irônica é construída nas bases lexical e sintática. Inicialmente, chama atenção uma das palavras usadas para dar título à crônica, *razão*, que se enquadra na construção da ironia no âmbito lexical, e sua aplicação como estratégia lingüística para reforçar a crítica do autor.

Ao utilizar o termo “razão”, Veríssimo intencionalmente o faz, com a finalidade de se contrapor a um todo do discurso políticosocial, que centraliza o tema da crônica, uma vez que, aquele que se dedica ao governo e a política – o político – não pode ou não deve apropriar-se da capacidade de ter razão, em sua essência. Assim, mesmo afirmando que “O Presidente tem razão”, subentendesse que o autor não concorda com as atitudes do então governante, expondo claramente uma ironia em suas palavras e consequentemente, uma crítica ao político FHC.

É possível, então, estabelecer uma hipótese de que Veríssimo empregou esse termo – “razão” - para mostrar uma discordância no discurso do presidente, uma vez que os conceitos e valores de “ser pobre” e “ser rico” do mesmo, considerando a situação socioeconômica do país, e principalmente, o local no qual discursou suas palavras, estariam “inadequados”.

Ainda no âmbito lexical, analisamos as palavras *chato* e *pobres*, que continuam a construir a ironia, uma vez que, de acordo com o contexto, por mais que FHC pretendesse dirigir-se aos pobres, ele “beneficiou” os ricos. Na sequência, o ponto crucial da ironia desta crônica surge com o verbo *concordo*, pois, na realidade, o autor não está de acordo com a afirmação do presidente da época. Esse termo – *concordo* – vem para confirmar e assemelhar-se com a mesma carga irônica e crítica utilizada por Veríssimo no título da crônica, quando empregou a palavra *razão*.

Já no âmbito enunciativo sintático, as palavras se desenvolvem num enunciado, de modo que tudo faz parte de um contexto: *Pobre vive amontado em favelas, quase em estado natural, numa alegre promiscuidade que rico só pode invejar*. Essa “caracterização” do pobre – *estado natural* – é uma metáfora do estado em que vivem. Representando assim, a ideia de que as pessoas que moram na favela vivem desnudas de qualquer valor moral e/ou de mecanismos de uma sociedade evoluída – informação,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tecnologia, etc. Já o termo *só* funciona como uma hipérbole, pois reforça e enfatiza a ideia de que a pessoa rica tem a obrigação de sentir inveja de tal realidade.

Na sequência: *Muitas vezes o pobre constrói sua própria casa, com papelão e caixotes. Quando é que um rico terá a mesma oportunidade de mexer assim com o barro da vida.* Observamos nesta passagem que a expressão metafórica destacada refere-se à construção da casa, que na visão do dito “pobre” é um patrimônio de muita valia, independentemente de seu tamanho ou estrutura, adquirida com muito esforço e trabalho, contrapondo assim, com a visão que a sociedade tem do rico: como se fosse um povo que não dá o devido valor as coisas que pertence.

Em seguida, temos: *Que filho de rico verá um dia sua casa ser arrasada por um trator? Um maravilhoso trator de verdade, não de brinquedo, ali, no seu quintal! Todas as emoções que um filho de rico só tem em videogame o filho de pobre tem ao vivo, olhando pela janela, só precisando cuidar para não levar bala.* A palavra destacada representa o ápice paradoxal do texto apresentado, uma vez que o trator adjetivado como maravilhoso é o mesmo que arruinará as casas e quiçá a vida dos moradores da favela.

Primordialmente, com a função de ajudar a construir, como um trator pode vir para destruir? É justamente, ao utilizar o termo *trator*, somado principalmente na ênfase dada a este – *maravilhoso* – que Veríssimo ironiza a situação de famílias “residentes” em favelas que tem suas casas – *barros da vida* – destruídas por tratores.

O fragmento que se segue desde a expressão “mais de um rico obrigado” à “daquela maneira” representa uma junção de várias frases com um único enunciado e um mesmo sentido. Observamos neste trecho, mais uma vez a diferença entre a realidade do rico e do pobre. Com efeito, a expressão *conversando animadamente com todos a sua volta*, nos faz refletir: o pobre apesar de estar em um hospital “mendigando” um atendimento, continua animado, enquanto o rico folheia uma renomada revista impacientemente por dez minutos. Sendo assim, é notória a presença do paradoxo, da ironia e da crítica ao sistema público de saúde.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contudo, no trecho, *E pior. Com todas as suas **privações**, rico ainda sabe que vai viver muito mais do que pobre, ainda mais neste modelo, e que seu tédio não terá fim*, notamos a existência da antítese, pois “na vida real” quem enfrenta limitações e vive cheio de privações é o pobre, tendo em vista que ele sobrevive mediante as suas precárias condições financeiras e sociais.

Por fim, ao afirmar *Éfe Agá tem razão, é um **inferno***, Veríssimo responde ironicamente ao discurso de FHC. Nota-se ainda, que a palavra destacada corresponde a uma hipérbole, pois o significado desta palavra pode vir a ser de tormento, martírio, de modo a ressaltar a “difícil” vida dos ricos. No entanto, nunca explicitando claramente que ser rico é bom e ser pobre é ruim, Veríssimo nos transmite por meio de um jogo essencialmente irônico o modo de vida dos pobres e dos ricos, ironizando e criticando o ponto de vista – o discurso – do presidente *Éfe Agá* em relação à vida dos mesmos.

Após a análise desta crônica percebemos o quanto são fortes as marcas do discurso irônico presentes nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo. Deste modo, tais marcas podem ser também, encontradas na crônica *Deixa pra Lá* (VERÍSSIMO, 1999), que iremos observar apenas alguns trechos.

Em *Deixa pra Lá* o autor chama atenção para o “deixa-para-laísmo”, neologismo utilizado na crônica em relação ao fato de logo esquecermos, e principalmente a imprensa, os atos – ilícitos, ditatoriais... - que circundam os meios políticos em diferentes sistemas de governo, em especial, o brasileiro.

Como bem visto em *O Presidente tem razão*, em *Deixa pra Lá* a ironia se apresenta fortemente logo no título da crônica quando ao fazer o uso do termo “deixa pra lá” o autor ironiza e critica todas as situações em que não nos interessamos substancialmente sobre elas e as esquecemos, em especial, as que se referem às questões político brasileiras.

Observando o trecho, *A gente reclama que a imprensa é boa com o Éfe Agá e não cobra suas barbaridades, mas ela está apenas **respeitando uma tradição***, no termo em destaque, Veríssimo critica profundamente a imprensa brasileira, como uma entidade ineficiente e estática, não cumprindo seu papel de informar e mostrar sem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

qualquer pressão moral, social e política todos os fatos da realidade do Brasil, em especial a política.

Mesmo considerando a imprensa como instituição sem preocupações com os problemas brasileiros, ela é fruto de uma sociedade também acomodada e de “memória curta”, por isso, a analogia ao *respeitando uma tradição*.

Por fim, no excerto *Ou o Éfe Agá estava deliberadamente nos enganando ou estava sendo enganado e, em qualquer dos casos, o fato seria gravíssimo. Em outro país, claro*, o autor de modo extremamente peculiar vem a concluir a crônica, mostrando e confirmando a maneira que nós brasileiros temos de “perdoar” inúmeros acontecimentos e “erros”, até mesmo aqueles que nos atingem diretamente.

Veríssimo deixa transparecer principalmente no termo em destaque, que tal “jeitinho brasileiro” – *deixar pra lá* – não aconteceria em outros países.

V CONCLUSÕES

A partir das teorias e das análises anteriormente apresentadas, podemos constatar que para que o leitor compreenda a(s) ironia(s) presente(s) nas crônicas é preciso que ele seja dotado de determinado conhecimento de mundo, uma vez que, no caso das crônicas tomadas como objetos de estudo, um leitor comum, sem o conhecimento de mundo, principalmente no que diz respeito à política, é incapaz de captar o traço irônico ali presente. Cremos, portanto, que o conhecimento partilhado com o leitor é o principal fator, utilizado por Veríssimo, que permite a identificação e a apreensão da ironia. Com efeito, é notório que compreender o contexto no qual a crônica está inserida, é um primeiro passo para identificar como se constrói a ironia neste gênero textual.

Além do conhecimento partilhado com o leitor, Veríssimo constrói ironias utilizando também determinadas escolhas lexicais, analogias e jogos de sentido entre o literal e o subentendido. Esses foram os mecanismos discursivos mais frequentemente encontrados nos trechos analisados. Ademais, foram encontrados os seguintes mecanismos discursivos na elaboração das ironias: metáforas, antítese, hipérbole e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

neologismo. Contudo, verificamos que apenas o léxico não é capaz de mudar o significado no discurso irônico, mas este juntamente com o contexto.

Graças a linha de naturalidade no trabalho com a linguagem, juntamente com a simplicidade, “despretensão” e sentidos insinuantes e reveladores que trata e registra os elementos circunstâncias do cotidiano mesclados de ironia, humor e lirismo, é que faz da crônica um caminho para promover e estimular mecanismos adequados para o trabalho deste gênero textual nas práticas escolares, além de possibilitar a produção textual da mesma.

Referências Bibliográficas

BERRENDONNER, A. **Elementos de pragmática linguística**. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1987.

DUARTE, L. P. **Ironia e Humor na Literatura**. Belo Horizonte. Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

FARACO & MOURA, **Gramática**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa**. – 6. Ed. – Curitiba: Positivo, 2004.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000;
KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'ironie comme trope**. *Poétique*, Paris, Seuil, n. 41, p. 108-127, 1980.

MARCUSHI, L. A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In.: Gêneros Textuais & Ensino. 3.ed.. – Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Editora Cutrix, 1979.

MUECKE, D. C. **Analyses de l'ironie**. *Poétique*. Paris, Seuil, n. 36, p. 478-494, 1978.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PIRES, ORLANDO. **Manual de teoria e técnica literária**. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.

VERÍSSIMO, L. F. **Aquele Estranho Dia Que Nunca Chega**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 1999.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO